

## O funcionamento discursivo dos ditados populares em “Ensaio sobre a cegueira”, de José Saramago

The discursive functioning of popular sayings in “Ensaio sobre a cegueira” by José Saramago

 Thyago Madeira França

 Marcela Henrique de Freitas

Suelen Alves Da Silva

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo analisar as retomadas de memórias discursivas (PÊCHEUX, 2010) relacionadas a ditados populares na obra *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago. Tomamos como ditado popular enunciados comumente sem autoria, reconhecidos pela sua recorrência e cristalização social, que possuem o objetivo de transmitir um ensinamento popular a partir de determinados comportamentos e acontecimentos. Ao longo do romance, identificamos ditados populares que dialogam com os acontecimentos do enredo e produzem efeitos de sentido tanto de retomada quanto de ruptura com o já-dito popular. Assim, inscritos nos estudos do discurso (FERNANDES, 2008), buscamos analisar o funcionamento discursivo das memórias sobre os ditados que emergem como já-ditos e acontecimentos novos no enredo de Saramago. Para tanto, fizemos uma seleção de ditados

---

Thyago Madeira França. Professor de Língua Portuguesa e Linguística (Curso de Letras).

Marcela Henriques de Freitas. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia (PPGEL/UFU).

Suelen Alves Da Silva. Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Sul - Sede Morrinhos.

populares e sua significação fora e dentro da obra. Em seguida, por meio da utilização de matrizes de análise (SANTOS, 2004), demonstramos como os ditados emanam discursos que se encontram no campo social e envolvem questões não estritamente linguísticas, mas também alicerçam discursos de uma coletividade por meio de memórias discursivas, as quais também dialogam com as ações das personagens do romance.

**Palavras-chave:** Estudos do discurso. Ensaio sobre a cegueira. Ditados populares. Memória discursiva.

**Abstract:** This work aims at analyzing the recapture of discursive memories (PÊCHEUX, 2010) related to the popular sayings in the book *Ensaio sobre a cegueira* (Blindness) by José Saramago. We define popular sayings as utterances of commonly unknown authorship, recognized by their recurrence and social perpetuation, and intended to impart popular knowledge based on certain behaviors and happenings. Throughout the novel, we identified popular sayings that dialogue with happenings of the narrative and produce meaning effects both of returning and breaking with the already-said popular saying. Thus, subscribed to Discourse Studies (FERNANDES, 2008), we aimed at analyzing the discursive functioning of the discursive memories about the sayings that emerge as already-said and as news in Saramago's plot. In order to do so, we selected popular sayings and their meanings in and outside of the book. Next, through the use of analysis arrays (SANTOS, 2004), we demonstrate how the sayings emanate discourses that encounter one another in the social field and involve not only non-exclusively linguistic issues but also sustain discourses of groups through the discursive memory, which also dialogue with the attitudes of characters of the novel.

**Keywords:** Discourse Studies. Blindness. Popular sayings. Discursive Memory.

## Introdução

José Saramago (1922-2010) é um dos mais importantes escritores da Língua Portuguesa e se destacou como romancista, teatrólogo, poeta e contista, recebendo, dentre outros, os prêmios Nobel de Literatura e Camões, premiações representativas mundialmente. Publicada em 1991, sua obra mais polêmica é *O evangelho segundo Jesus Cristo*, tendo gerado polêmica por conta de críticas ao cristianismo. No entanto, sua obra mais conhecida é *Ensaio sobre a cegueira*, publicada em 1995 e objeto de análise do presente estudo, em que temos a história de uma misteriosa epidemia de cegueira branca que se espalha por uma cidade, causando um grande colapso na vida das pessoas e abalando as estruturas sociais.

O romance se inicia com um homem que, de repente, fica cego enquanto aguardava o semáforo abrir. Aos poucos, a cegueira se alastra e, quando se dão conta, quase todos estão contaminados por uma estranha cegueira contagiosa. Como medida de contenção, o governo decretou estado de epidemia e alocou todos os infectados em um local de quarentena. No isolamento, a mulher do médico, única personagem que enxerga em toda a narrativa, presencia a degeneração de princípios básicos de boa convivência, de modo que as pessoas passam a se comportar por meio de suas características mais primitivas. Quando o grupo de protagonistas consegue sair do local de isolamento, notam que praticamente toda a cidade foi infectada e que todos passaram a seguir seus instintos animais, alojando-se em lojas e supermercados como bichos. Ao final, de forma misteriosa, as pessoas voltam a enxergar o mundo.

Assim, para mobilizarmos um gesto de interpretação à discursividade literária de Saramago, inscrevemo-nos nos estudos do discurso,

em especial nas reflexões de Fernandes (2008) e Pêcheux (2010), com o objetivo de analisar os processos de memória discursiva que emergem dos ditados populares presentes na obra *Ensaio sobre a cegueira*. Buscamos, ainda, analisar de que modo os ditados populares, tomados como discursos da cultura de um povo, produzem sentidos no acontecimento da obra de Saramago.

Em termos metodológicos, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa e interpretativista, em que, a partir de um diálogo com estudos sobre os ditados populares e cultura, bem como sobre as bases dos estudos do discurso e do conceito de memória discursiva, empreendemos uma seleção e recorte de um conjunto de ditados populares presentes na obra.

Posteriormente, desenvolvemos as análises dos efeitos de sentido que emergem dos ditados populares selecionados, de modo a compreender como esses ditados evocam uma memória discursiva, que produz efeitos de sentido no romance e em sua exterioridade social.

### Aspectos teórico-discursivos

Nessa seção, apresentamos reflexões iniciais sobre o arcabouço teórico-analítico da Análise do Discurso (AD), com foco nos conceitos de: 1) discurso, 2) condições de produção, 3) sentido, 4) sujeito e 5) memória discursiva. Entendemos que esses conceitos funcionam como uma rede interligada e, por conta disso, devemos apresentar, ainda que brevemente, essa tessitura teórica. Vale reforçar que se trata de um exercício de análise discursiva *a priori*, de modo que não propomos exaurir a complexidade dos conceitos, mas operacionalizar, de forma responsável, a rede teórica em função de nossa análise.

## Discurso, condições de produção, sentido e sujeito

Ao estabelecer as bases introdutórias da área de estudos, Fernandes (2008) nos lembra que, comumente, *discurso* é uma palavra associada a pronunciamentos políticos, ou a um texto mais rebuscado; um pronunciamento marcado por eloquência, uma frase proferida de forma primorosa, à retórica, e muitas outras situações de uso da língua em diferentes contextos sociais. Ou seja, é um conjunto de ideias organizadas por meio da linguagem de forma a influir no raciocínio.

No entanto, discurso para a AD não representa somente um texto ou fala, mas uma instância enunciativa que implica uma exterioridade à língua e que se encontra social, por ser constituído também por aspectos sociais e ideológicos. Assim, os sentidos atribuídos à palavra são relacionados a esses aspectos externos. Sobre esse aspecto social, Orlandi (1999, p. 15) argumenta que “a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso, nesse sentido, é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”.

Para compreendermos a relação discursiva enquanto construção social, vale aludirmos às *condições de produção* do discurso, entendidas por Michel Pêcheux, estudioso francês que funda as bases da AD, como “o conjunto de mecanismos formais que produzem um discurso de tipo dado em ‘circunstâncias’ dadas” (PECHÊUX, 1997, p. 74). As circunstâncias sociais, históricas e ideológicas que atravessam e gravitam em torno de uma manifestação discursiva são suas condições de produção e, portanto, o processo de produção do discurso deve ser considerado a partir de um conjunto de mecanismos formais que enunciam sempre sobre condições de produção específicas. Funcio-

nam como os aspectos históricos, sociais e ideológicos que envolvem todo discurso e que, de certa forma, possibilitam ou determinam as posições dos sujeitos e, ainda, a produção de sentidos específicos sobre as manifestações discursivas

Outra importante concepção para a AD é a de sujeito, o qual não representa um sujeito empírico, mas um sujeito que enuncia no mundo, em que se considera o lugar social, histórico e ideológico como constitutivo de seu dizer. Nesse contexto, Fernandes (2008) nos diz que o sujeito vai ser constituído na inter-relação social, ele é descentrado, não é o centro de seu dizer e, em sua voz, há um conjunto de outras vozes, heterogêneas e, por vezes, contraditórias. O sujeito, dessa forma, é constituído por várias vozes e por uma heterogeneidade de outros discursos, bem como se inscreve em um espaço sócio-ideológico que o coloca num campo de posições que lhe confere possibilidades determinadas de enunciar a partir de suas posições ideológicas e condições de produção relacionadas.

As condições de produção envolvem o sujeito e suas contradições, sua posição social, as ideologias que o atravessam, sua posição em relação ao modo de produção, sua posição na esfera específica em que o discurso é praticado. Em síntese, as condições de produção são os aspectos históricos, sociais e ideológicos que envolvem todo discurso e que, de certa forma, possibilitam ou determinam as posições dos sujeitos e, ainda, a produção de sentidos específicos sobre as manifestações discursivas

Integrante a esses conceitos, temos a noção de *sentido*, compreendida pela AD como um efeito de sentidos entre sujeitos em interlocução (sujeitos se manifestando por meio do uso da linguagem). Para Fernandes (2008), quando nos referimos à produção de sentidos, os sentidos das palavras não são fixos, não são imanentes, conforme vemos nos dicionários. Os sentidos são produzidos face aos lugares ocu-

pados pelos sujeitos em interlocução, o que representa dizer que uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos em conformidade com o lugar sócio-ideológico daqueles que a empregam. Para melhor compreendermos como os sentidos se dão a partir de redes de já-ditos socialmente inscritos, passemos à memória discursiva, conceito-chave para as análises empreendidas no presente trabalho.

O conceito de memória discursiva, para Pêcheux (2010), faz referência a redes de enunciados que se relacionam aos dizeres utilizados recorrentemente pelos sujeitos em um dado momento da história:

A memória seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os 'implícitos' (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 2010, p. 52).

Desse modo, a memória funciona como uma rede interdiscursiva que contempla no discurso novo um já-dito que retoma, atualiza ou ressignifica sentidos cristalizados. Isso dialoga com nosso estudo sobre os ditados populares na obra de Saramago, uma vez que, concebida dessa maneira, a memória discursiva não é algo que se constrói no âmbito da individualidade, como uma lembrança pessoal, mas opera em uma ordem social.

Pêcheux (2010) afirma que a estruturação do discurso vai constituir a materialidade de uma certa memória social. Assim, o espaço das redes de memória deve ser entendido como uma condição do funcionamento discursivo que constitui um corpo sócio-histórico-cultural. Isso representa dizer que os discursos sempre exprimem um já-dito, uma memória coletiva e discursiva na qual os sujeitos estão inscritos e

inscrevem seus dizeres. O espaço de memória, assim, representa uma condição do funcionamento discursivo, a partir de acontecimentos exteriores e anteriores ao texto, e de uma interdiscursividade, refletindo materialidades que intervêm na sua construção.

Assim, representam, a partir da coletividade social, a repetição histórica de enunciados, que formam uma regularidade discursiva. Por isso, Pêcheux (2010) defende a ideia de que os sentidos são construídos a partir das práticas inscritas social, cultural e historicamente, de modo que é a memória discursiva que nos possibilita retomar os discursos já-ditos em outro momento, em uma dada circunstância social, histórica e cultural, em uma situação discursiva atualizada. Em síntese, a memória discursiva funciona como uma espécie de rede virtual de retomada de discursos já utilizados em outros acontecimentos anteriores. Um bom exemplo disso são os ditados populares que com o tempo foram sendo atualizados.

### Os ditados populares sob a ótica da AD

Os ditados populares são enunciados curtos com o propósito de fazer uma advertência ou de aconselhar alguém em uma dada situação comunicativa, além de representar a sabedoria popular, ajudando a constituir uma parte da cultura de um povo. Tais frases estão fortemente vinculadas à tradição e comunicação oral, exprimindo conhecimentos e conselhos que qualquer pessoa consegue entender, bem como se estendendo a várias gerações e em diferentes momentos da história.

Por representarem um conhecimento popular, não possuem necessariamente um autor, mas fazem parte de uma coletividade, da cultura de um povo. Assim, os efeitos de sentidos são construídos de acordo com o condicionamento dos discursos na história e na língua de um



povo. Como os dizeres remetem sempre a um já-dito, entendemos que os ditados populares vão se construindo socialmente através das gerações e se readaptando social e historicamente por meio de retomadas ou reconstruções da memória discursiva.

Em *Os ditos populares e sua utilização na mídia*, Alvarez (2003) argumenta que os ditados populares geralmente têm o intuito de fazer uma advertência e de aconselhar. Para a autora, essas frases vão passando de geração para geração e seus sentidos vão sendo construídos de acordo com o condicionamento dos discursos na história, ou seja, os sujeitos trazem em seus discursos algo do que se falou antes (em outro momento, em outro espaço), o que faz parte de um conhecimento interdiscursivo e social, permitindo sempre formulações discursivas das redes de memória, no caso, sobre os ditados.

Alvarez (2003) demonstra que a mídia tem o poder de imprimir uma releitura do dito popular e apresenta vários exemplos desses enunciados modificados. Para a autora, a modificação acontece para que haja uma valorização de sentidos na posição de quem emprega os ditados. Então, se o ditado é *mulher no volante perigo constante*, uma empresa que busca apoiar as mulheres, vai modificá-lo para “Homens no volante, perigo constante”, inscrevendo-se o homem como aquele que dirige mal e não o já-dito cristalizado de que a mulher é que não dirige bem.

O discurso da mídia, em relação aos ditos populares, retoma a valorização anterior desses por diferentes classes sociais e prenuncia outras possibilidades de sentidos. Assim, o dito popular, quando retomado pela linguagem midiática, produz sentidos diferentes do que quando apresentado nos lares e nas conversas informais. Esses enunciados são modificados ao sabor de diferentes necessidades históricas e psicológicas dos discursos e de suas condições de produção, produção essa “controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo

número de procedimentos”. (FOUCAULT, 1996, p. 9). É esse processo de retomada e/ou reconstrução dos sentidos do ditado popular na obra em análise que buscamos demonstrar a seguir.

### Aspectos metodológicos sobre as memórias ativadas pelos ditados populares

Na presente seção, primeiramente apresentamos como se deu o processo de seleção, recorte e tabulação dos ditados populares na obra de Saramago. Em seguida, expusemos cada uma das matrizes de análise das memórias discursivas nos ditados populares selecionados a partir da interação com o romance *Ensaio sobre a cegueira*.

Após o processo de leitura da obra, iniciamos o processo de seleção dos ditados a serem analisados. Reforçamos que consideramos como ditado popular os recortes do enredo que identificamos certa recorrência social no senso comum, com intenção de transmitir uma percepção de sentidos sobre determinados comportamentos e acontecimentos. Assim, é possível termos contemplado sob o nome de ditado popular provérbios, adágios, premissas e frases do senso comum e de conhecimento popular. Além disso, alusões, reconstruções e paródias dos ditados também foram consideradas como elegíveis em nosso processo de seleção.

Os enunciados foram escolhidos a partir de uma vinculação com reflexões sobre a natureza humana. Para não recortarmos somente o fragmento do ditado, buscamos estabelecer uma sequência discursiva mais ampla da obra, assim, pudemos retomar o contexto literário que ela foi usada, uma vez que a retomada dos processos de memória discursiva relacionados será analisada de forma discursiva.

Após a seleção dos recortes da obra, construímos matrizes (SANTOS, 2004), em que os ditados são dispostos e previamente interpre-

tados sob a ótica dos estudos do discurso. Santos (2004) propõe as matrizes como uma ferramenta de análise discursiva que se dá a partir da organização de sequências discursivas que representam as ocorrências das regularidades propostas por uma dada conjuntura discursiva. Assim, optamos pela utilização dessa ferramenta de análise, por entendermos que o mapeamento de regularidades no *corpus* proposto pelo autor contribui para recortarmos enunciados da obra e demonstrarmos o funcionamento dos ditados no texto de Saramago.

Dessa forma, montamos matrizes que mapeiam os ditados selecionados e apresentam gestos de interpretação iniciais sobre os discursos que atravessam a obra como um todo. São dezoito matrizes organizadas da seguinte forma: uma coluna com *sequências discursivas da obra* que contempla em seu recorte um ditado popular e uma segunda coluna com *Efeitos de sentido e Memória discursiva*, em que apresentamos os efeitos de sentido relacionados ao ditado popular no contexto da sequência discursiva, ou seja, a interpretação do ditado.

Após a apresentação de cada matriz, a qual já apresenta gestos de interpretação discursivas, desenvolvemos a consolidação de um exercício de análise discursiva sobre a *Memória discursiva* retomada nos ditados selecionados para o presente estudo. Nessa etapa, descrevemos como essas redes de memória são retomadas e reescritas a partir do contexto discursivo que se estabelece como um acontecimento único na obra de Saramago. Sigamos para as análises discursivas das matrizes sobre os ditados populares selecionadas do romance de Saramago.

## Análise do corpus discursivo

Quadro 01 – Matriz 01

| Sequência discursiva da obra   | Efeitos de sentido e memória   |
|--|--|
| <p><b>SD01</b> – “O pensamento, pelo segundo sentido implícito, provocou-lhe uma pequena ereção que o surpreendeu, como se o facto de estar cego devesse ter tido como consequência a perda ou a diminuição do desejo sexual, bom, pensou, afinal não se perdeu tudo, <b>entre mortos e feridos alguém escapará</b>, e, alheando-se da conversa, começou a fantasiar” (SARAMAGO, 2018, p. 56 – grifo nosso).</p> | <p>O ditado presente como já-dito na SD é <i>entre mortos e feridos alguém escapará</i>. Trata-se de um conhecido provérbio português que já existia em 1878 e que é retomado na obra enquanto uma metáfora que altera seu sentido. O ditado significa que, em um dado conflito ou batalha, sempre haverá aqueles que se salvam.</p> |

Fonte: Matriz construída a partir de Santos (2004)

Na análise dessa primeira SD, o sujeito-personagem ladrão se recusa estar no mesmo ambiente que o primeiro cego, pois o culpava pela sua cegueira, com isso chega um momento em que alguns decidem procurar um lugar para fazerem suas necessidades e o médico sugere que a mulher dele guie todos, e não somente os que estão com vontade, para com isso eles aprenderem o caminho. Mas o ladrão já logo pensa “o que tu não queres é que a tua mulherzinha tenha de me levar a urinar de cada vez que me apeteça”. E com isso ele acaba ficando excitado e é quando ele diz esse ditado. Ainda que retomada, a memória discursiva ativada com o ditado é ressignificada e sucumbe ao “jogo de força de uma ‘desregulação’ que vem perturbar a rede dos ‘implícitos’ (PÊCHEUX, 2010, p. 53 – grifos do autor).

Assim, na SD os efeitos de sentido sobre o ditado desregulam os já-ditos, de modo que o narrador instaura uma movência do sentido

dessa expressão conhecida a partir do contexto da obra: o fato de estar cego; o fato de que com isso não consegue ir ao banheiro sozinho; o fato de estar com medo por não saber que doença é essa; o fato de não terem a cura e o fato de estarem “desamparados/abandonados pelo estado. Ele pelo menos ainda consegue ter ereção. Como uma forma de esperança, pois apesar dos problemas nem tudo está perdido.

Quadro 02 – Matriz 02

| Sequência discursiva da obra   | Efeitos de sentido e memória  |
|--|---|
| <p><b>SD02-</b> “Nos primeiros momentos pensou-se que os soldados iam irromper pelas camaratas dentro varrendo a bala tudo o que encontrassem pela frente, o governo mudara de ideias, optara pela liquidação física em massa, houve quem se metesse debaixo das camas, alguns, de puro medo, não se mexeram, uns quantos talvez tenham pensado que era melhor assim, <b>para pouca saúde mais vale nenhuma</b>, se uma pessoa tem que acabar, que seja depressa” (SARAMAGO, 2018, p. 90 – grifo nosso).</p> | <p>O ditado presente como já-dito na SD é <i>para pouca saúde mais vale nenhuma</i> coincide com o fragmento do texto e remete à ideia de que uma vida com saúde debilitada seria mais penosa do que a própria morte.</p> |

Fonte: Matriz construída a partir de Santos (2004)

Nesse segundo recorte da obra, o sujeito do discurso representado pelo governo decide colocar as caixas de comida de fora do edifício em que os contaminados estão, para com isso eles poderem ficar de olho em qualquer movimento brusco para eles liquidarem e assim evitar confusões. Contudo, o governo muda de ideia e decide liquidar todos que ali fora estão e é quando alguém pensa nesse ditado. A memória aqui ativada é confirmada e retoma os implícitos discursivos, o que Pêcheux (2010, p. 52) tomou por reestabelecimento da “condição do legível em

relação ao próprio legível”. A passagem da obra dialoga com a ideia cristalizada pelo ditado, de que se é para ter pouca saúde, estar doente ou extremamente fragilizado, ou seja, ficarem permanentemente cegos e vivendo aquela situação de calamidade, seria melhor que os soldados que ali estão realmente liquidasse todos para morrerem logo.

Quadro 03 – Matriz 03

| Sequência discursiva da obra   | Efeitos de sentido e memória   |
|--|--|
| <b>SD03-</b> “Os que se tinham deixado estar agarrados à corda estavam nervosos, agora o seu medo era outro, o de virem a ficar, por castigo da sua preguiça ou cobardia, excluídos da repartição dos alimentos Ah, vocês não quiseram andar no chão de cu para o ar, sujeitos a levar um tiro, pois então não comem, lembrem-se do que dizia o outro, <b>quem não arrisca não petisca</b> ” (SARAMAGO, 2018, p. 106 – grifo nosso). | O ditado presente como já-dito na SD é <i>quem não arrisca não petisca</i> . Trata-se de um dito que ensina que quem não é ousado ou obstinado não consegue o que quer. Quem não corre riscos, perde oportunidades, de modo que somente é possível possuir aquilo que se quer se você se arriscar. |

Fonte: Matriz construída a partir de Santos (2004)

No recorte 03, os sujeitos do discurso representados pelos cegos foram em direção às caixas de comidas, e quando um deles achou as caixas, gritou bem alto que as havia achado “Estão aqui, estão aqui” e isso fez com que houvesse um tumulto e as pessoas começassem a brigar pelas caixas. No meio da confusão, alguns cegos se acuaram por medo de se ferirem e não quiseram pegá-las, momento em que o ditado foi empregado.

Ao recordarmos a memória como uma rede interdiscursiva um jogo de força entre uma (des)regularização do pré-construído, ou seja, “um conjunto de já ditos, que também contempla conflitos e ressignificações, quando a instauração do acontecimento assim exige” (FRANÇA, 2016, p. 9), entendemos que a SDO3 ativa já-ditos de que se você não

se arriscar para conseguir aquilo que quer, você não o terá. No caso dos sentidos produzidos na obra, só iriam ter acesso à comida aqueles que se arriscassem, podendo se ferir ou não, enquanto aqueles que se acuassem com medo de se machucar ficariam com fome.

Quadro 04 – Matriz 04

| Sequência discursiva da obra  | Efeitos de sentido e memória  |
|---|---|
| <p><b>SD04-</b> “Animados pela benevolente intervenção do sargento, os cegos que tinham alcançado o patamar da escada levantaram uma algazarra fortíssima que veio a servir de polo magnético ao desorientado invisual. Já seguro de si, avançou em linha recta, Continuem, continuem, dizia, enquanto os cegos aplaudiam como se estivessem a assistir a um longo, vibrante e esforçado esprinte. Foi recebido com abraços, não era o caso para menos, <b>diante das adversidades, tanto as provadas quanto as previsíveis, é que se conhecem os amigos</b>” (SARAMAGO, 2018, p. 107 – grifo nosso).</p> | <p>O ditado já-dito é <i>diante das adversidades, tanto as provadas quanto as previsíveis, é que se conhecem os amigos</i> que tem como ideia que é nas situações de dificuldade da vida que podemos realmente conhecer quem são seus amigos de verdade, pois eles irão ajudar.</p> |

Fonte: Matriz construída a partir de Santos (2004)

A SD 04 retomada a passagem do romance em que os sujeitos do discurso cegos estavam segurando a corda para irem em direção às caixas de comida, quando um deles achou as caixas todas, os demais se soltaram e correram para lá, o que acabou gerando um grande tumulto. Um cego continuou agarrado na corda, mas logo se despreendeu com medo de ficar sem comida, porém não conseguia chegar até onde os outros estavam, e é quando um soldado começa a brincar com ele, “é por aqui, vem andando”, mas ele vê o tom de voz como ironia e para

de andar novamente. Foi quando o sargento viu o que estava acontecendo e gritou para o cego voltar. Os outros cegos, ao ouvirem a voz do sargento, fizeram uma algazarra, o que fez com que o cego que estava perdido achasse o caminho de volta.

Embora Saramago tenha adaptado as palavras, a passagem da obra ativa redes de memória que retomam efeitos de sentido de que é nas dificuldades que a gente conhece quem são os amigos de verdade. Assim, o cego estava com dificuldade de achar as caixas e alguns soldados aproveitando disso fizeram piadinhas. Mas havia um outro soldado que ordenou que a piadinha parasse. Isso fez com que os outros cegos fizessem tanto barulho que pelo som o cego achou seus colegas.

Quadro 05 – Matriz 05

| Sequência discursiva da obra   | Efeitos de sentido e memória   |
|--|--|
| <p><b>SD05-</b> “Até que chegou o momento em que as palavras se calaram e o velho da venda preta se achou sem ter que dizer. E não foi porque o rádio se tivesse avariado ou as pilhas esgotadas, a experiência da vida e das vidas tem cabalmente demonstrado <b>que ao tempo não há quem o governe</b> (SARAMAGO, 2018, p. 150 – grifo nosso).</p> | <p>O ditado presente como já-dito na SD é de que <i>ao tempo não há quem o governe</i>. Significa que o tempo é algo imprevisível, não há quem possa comandá-lo. Remete-nos, ainda, ao dito <i>ninguém pode pôr rédeas ao tempo</i>.</p> |

Fonte: Matriz construída a partir de Santos (2004)

No recorte 05, o sujeito-personagem velho da venda preta, ficou encarregado de ouvir as notícias no rádio e ir repassando-as, mas a cada receptor a mensagem era repassada diferente de acordo com o otimismo e pessimismo de cada um, até que chegou o momento que não havia mais o que dizer. A memória discursiva ativada com o ditado é confirmada, pois por mais que Saramago tenha adaptado as palavras, isso não afetou o significado, a passagem da obra retoma os sentidos



já-ditos de que contra o tempo que é algo tão imprevisível não há quem possa comandar. Eles esperavam que o governo desse as informações pelo rádio, mas não foi o que aconteceu.

Quadro 06 – Matriz 06

| Sequência discursiva da obra   | Efeitos de sentido e memória   |
|--|--|
| <p><b>SD06-</b> O primeiro cego tapou a cabeça com a manta, como se isso servisse para alguma coisa, cego já ele estava, o médico atraiu a mulher a si e, sem falar, deu-lhe um rápido beijo na testa, que mais podia ele fazer, aos outros homens tanto se lhes devia dar, não tinham nem direitos nem obrigações de marido sobre nenhuma das mulheres que ali iam, por isso ninguém poderá vir a dizer-lhes, <b>“corno consentidor é duas vezes corno”</b> (SARAMAGO, 2018, p. 174 - grifo nosso).</p> | <p>O ditado popular aludido na SD é de que o <i>corno consentidor é duas vezes corno</i>. O enunciado nos passa a ideia de que se você confia em uma pessoa e ela te engana, a culpa não é sua. Agora se ela te enganar e você souber disso e mesmo assim aceitar, você está contribuindo para ser enganado.</p> |

Fonte: Matriz construída a partir de Santos (2004)

Na análise inicial da SD 06, os sujeitos do discurso representados pelos três cegos da camarata dos malvados chegam até a porta e intimam as mulheres a irem para a camarata deles e, para terem a comida, teriam que terem relações sexuais com eles e com isso o dito é usado.

Os efeitos de sentido que se vinculam ao ditado da SD 06 ressignificam as redes de memória discursiva, ou seja, os já-ditos sobre o ditado são desregulados e deslocam a metáfora cristalizada. Como nos lembra Pêcheux (2010, p. 56) a rede de uma memória “é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização”, de modo que, no contexto em análise, o narrador cria suas próprias expressões, pois a passagem da obra traz o sentido de que ninguém poderia reclamar de uma trai-

ção, uma vez que todos ali não tinham mais “direitos nem obrigações de marido sobre nenhuma das mulheres que ali iam” (SARAMAGO, 2018, p. 174).

Na narrativa, eles não podiam fazer nada, e elas estavam fazendo aquilo não por prazer, mas para que elas pudessem comer e seus maridos também. Então não poderia ser considerada uma traição, uma vez que eles eram consentidores pelo fato de que elas só estavam tendo relações sexuais com os outros homens para garantirem sua sobrevivência e de seus maridos também, com isso, eles não podiam culpá-las, pois elas também estavam fazendo aquilo por eles.

Quadro 07 – Matriz 07

| Sequência discursiva da obra   | Efeitos de sentido e memória   |
|--|--|
| <p><b>SD07-</b> “Levantaram-se, dividiram-se, uns para o lado direito, outros para o esquerdo, imprudentemente não tinham pensado que algum cego da camarata dos malvados poderia ter estado à escuta, felizmente o <b>diabo nem sempre está atrás da porta</b>” (SARAMAGO, 2018, p. 193 – grifo nosso).</p> | <p>O ditado já-dito é de que <i>o diabo nem sempre está atrás da porta</i>, o qual busca ensinar que o mal nem sempre está à nossa espreita, nos esperando. E, também, que a maldade, às vezes, pode estar mais próxima do que imaginamos.</p> |

Fonte: Matriz construída a partir de Santos (2004)

No contexto das condições de produção da obra, a SD 07 retoma o ditado e produz sentidos sobre o fato de que todos os sujeitos da obra estão cegos. E isso não impediria que algum inimigo da camarata adversária estivesse os escutando ali, sem se esconder, uma vez que ele não seria visto por ninguém. Tomando as redes de memória como “espaços de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos” (PÊCHEUX, 2010, p. 56), a SD07 retomada e atesta sentidos sobre um já-dito de que, embora nada de ruim tenha acontecido, o mal pode

estar mais próximo do que se imagina. A mulher do médico disse que daria um prazo, e iriam esperar até o dia seguinte, e se os soldados ainda assim não trouxessem comida então eles avançariam.

Quadro 08 – Matriz 08

| Sequência discursiva da obra  | Efeitos de sentido e memória  |
|---|---|
| <p><b>SD08-</b> O velho da venda preta, que pelos vistos algumas lições de tática devia ter aprendido na sua juventude, lembrou a conveniência de se manterem sempre juntos e virados na mesma direção, por ser essa a única forma de não se agredirem uns aos outros, e que deviam avançar em silêncio absoluto para que o ataque beneficiasse do efeito surpresa, descalcemo-nos, disse, depois vai ser difícil encontrar cada um os seus sapatos, disse alguém, e outro comentou, <b>Os sapatos que sobram é que irão ser os verdadeiros sapatos de defunto</b>” (SARAMAGO, 2018, p. 198 – grifo nosso).</p> | <p>O ditado que dialoga com a SD é <i>os sapatos que sobram é que irão ser os verdadeiros sapatos de defunto</i>. Trata-se de um antigo provérbio que busca se referir a quando alguém deseja algo muito improvável. A história por trás desse provérbio é a prática de frades que pagavam com os sapatos do defunto ao homem (campeiro ou sineiro) que ia pelas aldeias anunciar com uma campana (campainha), a morte de um deles. Às vezes, morria-se antes o campeiro do que o frade do qual ele esperava herdar os sapatos.</p> |

Fonte: Matriz construída a partir de Santos (2004)

Na análise da SDO8, o sujeito-personagem velho da venda preta reuniu uma turma para atacar os malvados e, para que acontecesse um efeito surpresa, eles deviam ir em silêncio. Para isso, sugeriu que tirassem os sapatos, o que gerou o comentário sobre, quando eles voltassem, ia ser difícil cada um achar os seus sapatos, uma vez que eles estavam cegos.

Nesse contexto, os efeitos de sentido do ditado retomam já-ditos cristalizados na memória. Quando os cegos voltassem para pegar os sapatos, os que lá sobrassem seriam dos que morreram na batalha. Retoma

outro aforismo conhecido como *não se deve contar com o ovo que ainda está na galinha*. O mesmo acontece no recorte da SDO8, de modo que estar à espera desses sapatos seria estar à espera de coisa alguma.

Quadro 09 – Matriz 09

| Sequência discursiva da obra  | Efeitos de sentido e memória  |
|---|---|
| <p><b>SD09-</b> O grande erro do cego da contabilidade foi ter pensado que bastava apoderar-se da pistola para ter com ela o poder no bolso, ora o resultado foi precisamente ao contrário, cada vez que faz fogo sai-lhe o tiro pela culatra, por outras palavras, cada bala disparada é uma fração de autoridade que vai se perdendo, estamos para ver o que acontecerá quando as munições se lhe acabarem todo. Assim como <b>o hábito não faz o monge</b>, também o ceptro não faz o rei, esta é uma verdade que convém não esquecer” (SARAMAGO, 2018, p. 204 – grifo nosso).</p> | <p>O ditado retomado é <i>o hábito não faz o monge</i>. Trata-se de um conhecido e antigo provérbio que ensina que não podemos que não se deve <i>julgar as pessoas pela aparência</i> ou, ainda, <i>julgar um livro pela capa</i>. A ideia é que não é porque uma pessoa tem bons hábitos que ela de fato é boa. É o mesmo que dizer que não é porque uma pessoa vai à igreja que ela é santa.</p> |

Fonte: Matriz construída a partir de Santos (2004)

A análise inicial da SDO9 retoma a passagem que o sujeito-personagem cego da contabilidade adquiriu uma arma e, com isso, pensou ter o poder, sem cogitar que pudesse ficar sem munição. A memória discursiva ativada com o ditado é ressignificada, os já-ditos sobre o ditado são desregulados, uma vez que o narrador acrescenta o “não” do ditado original.

Isso porque a passagem da obra retoma os sentidos de que não é pelo fato de o cego da contabilidade ter a possibilidade de estar com a arma que ele conseguiria assumir o controle da situação na ausência do “chefe”, agir como um líder, já que a munição poderia acabar e ele precisaria de um plano B.

Quadro 10 – Matriz 10

| Sequência discursiva da obra   | Efeitos de sentido e memória   |
|--|--|
| <p><b>SD10-</b> Quando o dia nasceu, só umas ténues colunas de fumo subiam dos escombros, mas nem essas duraram muito, porque daí a pouco começou a chover, uma chuvinha miúda, uma simples poalha, é certo, mas desta vez persistente, ao princípio nem conseguia chegar ao chão esbraseado, transformava-se logo em vapor, porém, com a continuação, já se sabe, <b>água mole em brasa viva tanto dá até que apaga</b>, a rima que a ponha outro (SARAMAGO, 2018, p. 213 – grifo nosso).</p> | <p>O ditado aludido é <i>água mole em brasa viva tanto dá até que apaga</i>. Retoma ao dito antigo <i>água mole em pedra dura tanto bate até que fura</i>, que ensina que para se conseguir aquilo que quer, é preciso insistir e persistir.</p> |

Fonte: Matriz construída a partir de Santos (2004)

A SD 10 retoma o momento da obra em que se relata os estragos de um incêndio, até que veio uma chuvinha bem leve, porém bem persistente que por mais que fosse pouquinha de tanto se pingar na brasa uma hora ela apagou. França (2016, p. 8) nos lembra que a memória representa “uma presença virtual na materialidade, como uma instância que não se faz presente como um enunciado, mas é responsável por reestabelecer possíveis leituras implícitas e constitutivas do real sócio-histórico”. A memória, na SD em questão, é ativada e retoma efeitos de sentido cristalizados de que, ainda que a força de uma persistência/resistência a algo pareça pouca, há sempre uma força contrária prestes a estabelecer um novo acontecimento.

Quadro 11 – Matriz 11

| Sequência discursiva da obra  | Efeitos de sentido e memória  |
|---|---|
| <p><b>SD11-</b> Agora, estando toda a gente cega, parece fácil dar por mal empregado o dinheiro que se gastou, afinal há é que ter paciência, dar tempo ao tempo, já devíamos ter aprendido, e de uma vez para sempre, que <b>o destino tem de fazer muitos rodeios para chegar a qualquer parte</b>, só ele sabe o que lhe terá custado trazer aqui este mapa para dizer a esta mulher onde está (SARAMAGO, 2018, p. 226 – grifo nosso).</p> | <p>O ditado retomado é <i>o destino tem de fazer muitos rodeios para chegar a qualquer parte</i> ou, ainda, <i>Deus escreve certo por linhas tortas, As voltas que o mundo dá</i>. Trata-se de uma frase que busca nos transmitir a mensagem de que, para se conseguir aquilo que se quer, antes deve-se passar por várias adversidades. Ou seja, a vida tem seus próprios caminhos, coisas que não controlamos, suas ironias, suas voltas, de modo que sempre haverá o inesperado e dificuldades para enfrentar.</p> |

Fonte: Matriz construída a partir de Santos (2004)

No contexto das condições de produção da obra e da SD11, o sujeito-personagem mulher do médico segue pelas ruas seguindo os letreiros quando se dá conta de que está perdida e, com isso, cai ao chão aos prantos, quando vem um cachorro e começa a lamber suas lágrimas, quando ela de repente ergue seus olhos ela vê um grande mapa daqueles que o departamento de turismo espalha pela cidade. A memória discursiva ativada com o ditado é confirmada, pois a obra retoma a ideia de que para conseguir aquilo que quer, antes temos que passar por várias adversidades. No caso dessa passagem, a mulher do médico passou pelas adversidades de ser a única que ainda podia enxergar e ainda assim estar perdida, o que fez com que ela se sentisse esgotada e se sentasse para chorar e de repente ali mesmo ela viu o mapa de turismo que poderia ajudá-la a achar o caminho.

Quadro 12 – Matriz 12

| Sequência discursiva da obra  | Efeitos de sentido e memória  |
|---|---|
| <p><b>SD12-</b> primeiro cego e a mulher, a rapariga dos óculos escuros, o velho da venda preta, este garoto, via-os acorados sobre as ervas, entre os caules nodosos das couves, com as galinhas à espreita, o cão das lágrimas também descera, era mais um. Limparam-se como puderam, pouco e mal, a uns punhados de ervas, a uns cacos de tijolo, <b>aonde o braço conseguiu alcançar, em algum caso foi pior a emenda.</b>(SARAMAGO, 2018, p. 243 – grifo nosso).</p> | <p>O ditado que dialoga com a SD <i>onde o braço conseguiu alcançar, em algum caso foi pior a emenda</i>. Faz referência ao dito português <i>pior a emenda que o soneto</i>, que representa dizer, em muitos casos, quando se tenta corrigir um erro ou uma situação ruim, as coisas ficam ainda piores.</p> |

Fonte: Matriz construída a partir de Santos (2004)

No contexto das condições de produção da obra presentes na SD12, os sujeitos do discurso representados pelo grupo de protagonistas (a mulher do médico, o primeiro cego, o médico, a rapariga...) estavam na casa de uma velhinha, quando de repente o menino estrábico tem uma diarreia, e precisa descer rapidamente as escadas em direção ao quintal, é quando todos descem para fazer suas necessidades lá também, e com isso eles acabam se limpando como podem, com ervas, cacos, o que o branco conseguiu pegar.

A memória discursiva ativada pelo ditado retoma “condições implícitas de interpretação” (PÊCHEUX, 2010, p. 54) e se associa quando os cegos tiveram de se limpar com o que o braço conseguiu pegar e nem todos tiveram a mesma sorte. Ainda que todos precisassem se limpar, alguns somente conseguiram alcançar coisas que pioraram a situação de higiene, ou seja, tiveram como resultado da limpeza um estado pior que o anterior.

Quadro 13 – Matriz 13

| Sequência discursiva da obra  | Efeitos de sentido e memória  |
|---|---|
| <p><b>SD13-</b> “Os grupos que por aí existem devem ter chefes, alguém que mande e organize, lembrou o primeiro cego, Talvez, mas neste caso tão cegos estão os que mandem como os que forem mandados, Tu não estás cega, disse a rapariga dos óculos escuros, por isso tens sido a que manda e organiza, não mando, organizo o que posso, sou, unicamente, os olhos que vocês deixaram de ter, uma espécie de chefe natural um <b>rei com olhos numa terra de cegos</b>” (SARAMAGO, 2018, p. 245 – grifo nosso).</p> | <p>O ditado que dialoga com a SD é <i>um rei com olhos numa terra de cegos</i>. Trata-se de uma adaptação de um provérbio bastante conhecido que é: <b>em terra de cego, quem tem olho é rei</b>. Busca demonstrar que, em situações de privação, quem tem pouco é um privilegiado.</p> |

Fonte: Matriz construída a partir de Santos (2004)

Na análise da SD13, como todos estavam cegos iriam aparecer dificuldades para que as pessoas achassem água e comida, e também para conseguir reparti-los, por isso a rapariga sugeriu que a mulher do médico sendo a única que possuía a visão, teria que organizar os grupos, sendo assim uma espécie de “rei”. A memória discursiva que emerge com o ditado é confirmada, já que a obra retoma os sentidos de que em uma terra de cegos, obviamente quem tem visão tem mais condições de ajudar, porém a obra também nos traz o fato dela ser a única capaz de ver “com olhos” (SARAMAGO, 2018, p. 245), ou seja, como uma maldição uma vez que ela deixa de viver para si e passa a viver para os outros.



Quadro 14 – Matriz 14

| Sequência discursiva da obra  | Efeitos de sentido e memória  |
|---|---|
| <p><b>SD14-</b> O presidente não chegou a abrir a sessão, cuja ordem de trabalhos previa precisamente a discussão e tomada de medidas para o caso de virem a cegar todos os membros do conselho de administração efectivos e suplentes, e nem sequer pôde entrar na sala de reuniões porque quando o ascensor o levava ao décimo quinto andar, exactamente entre o nono e o décimo, faltou a corrente eléctrica, para nunca mais. E como <b>uma desgraça nunca vem só</b>, no mesmo instante cegaram os eletricistas que se ocupavam da manutenção da rede interna de energia e conseqüentemente também do gerador” (SARAMAGO, 2018, p. 253 – grifo nosso).</p> | <p>O ditado aludido na SD14 é <i>uma desgraça nunca vem só</i> e também é dito como <i>desgraça pouca é bobagem</i>. Busca dizer que sempre quando tem um problema, ou seja, <i>não há nada que esteja tão ruim que não possa piorar</i>.</p> |

Fonte: Matriz construída a partir de Santos (2004)

No contexto da SD14, quando o sujeito-personagem assessor do presidente o levava para um a reunião de tomadas de medidas para a epidemia acaba faltando energia. Em decorrência disso, estavam apressados para resolverem os problemas e no mesmo instante que os eletricistas iam arrumar a energia eles ficaram cegos.

A memória discursiva ativada com o ditado é confirmada, pois o fragmento retoma os sentidos já-ditos de que quando se tem um problema, com ele aparecem mais vários outros. Já estavam lotados de preocupações, pois havia entre eles uma cegueira pela qual ninguém sabia e com isso conseqüentemente não tinham a cura, tinham que pensar o que iriam fazer para que a cegueira parasse de se alastrar e contaminar cada vez mais pessoas. E quando eles vão se reunir a energia acaba, ou seja, mais um problema, e então são chamados os eletricistas que de repente ficam cegos, ou seja, mais problemas.

Quadro 15 – Matriz 15

| Sequência discursiva da obra  | Efeitos de sentido e memória   |
|---|--|
| <p>“<b>SD15-</b> Sentou-se à secretária’, pousou as mãos no tampo de vidro coberto de pó, depois disse, com um sorriso triste e irônico, como se se dirigisse a alguém que estivesse na sua frente, Pois não, senhor doutor, tenho muita pena, mas o seu caso não tem remédio, se quer que lhe dê um último conselho acolha-se ao dito antigo, tinham razão os que diziam que <b>a paciência é boa para a vista</b>” (SARAMA-GO, 2018, p. 283 – grifo nosso).</p> | <p>O ditado que dialoga com a SD da obra é <i>a paciência é boa para a vista</i>, podendo se remeter também aos ditados <i>o apressado come cru</i> ou <i>a pressa é inimiga da perfeição</i>. Esses ditados ensinam que a paciência nos faz enxergar melhor. Ou seja, quando se vê uma situação e se pensa com paciência antes de agir, enxerga-se de um ângulo melhor do que na hora da raiva.</p> |

Fonte: Matriz construída a partir de Santos (2004)

A análise inicial da SD15 é sobre quando os sujeitos representados pelo grupo (mulher do médico, primeiro cego, médico, rapariga...) se reúnem no antigo consultório do médico, e ele comenta com a turma que lá seria o lugar onde aconteciam seus milagres mais que agora ele não pode fazer nada e aconselha a todos a seguirem esse dito antigo. A memória discursiva aqui ativada propõe a retomada um já-dito de que ter paciência nos faz enxergar melhor, e quando não se tem o que fazer o que resta é ter paciência (PÊCHEUX, 2010; FRANÇA, 2016). O médico nessa passagem se mostra bastante otimista, pois era ali naquele consultório onde as pessoas iam procurar ajuda e ele era capaz de resolver o problema, mas que agora ele está em situação que requer ajuda e nem mesmo pode se ajudar, restando somente ter paciência.

Quadro 16 – Matriz 16

| Sequência discursiva da obra  | Efeitos de sentido e memória  |
|---|---|
| <p><b>SD16-</b> O tempo está-se a acabar, a podridão alastra as doenças encontram as portas abertas, a água esgota-se. A comida tornou-se veneno, seria esta a minha primeira declaração, disse a mulher do médico, E a segunda, perguntou a rapariga dos óculos escuros, Abramos os olhos, Não podemos, estamos cegos, disse o médico. É uma grande verdade a que diz que <b>o pior cego foi aquele que não quis ver</b>, Mas eu quero ver, disse a rapariga dos óculos escuros, Não ser por isso que verás, <b>a única diferença era que deixarias de ser a pior cega</b>, e agora vamo-nos, não há mais que ver aqui, disse o médico (SARAMAGO, 2018, p. 283-284 – grifos nossos).</p> | <p>O ditado popular que dialoga e emerge da SD é <i>o pior cego é aquele que não quer ver</i>. Trata-se de uma expressão antiga que diz respeito à conduta de uma pessoa ingênua ou em negação que não quer enxergar o que está na sua frente, negando a verdade.</p> |

Fonte: Matriz construída a partir de Santos (2004)

No contexto da SD16, o ditado ativa a memória discursiva e produz sentidos sobre o fato de que todos os sujeitos da obra estão cegos. O sujeito do discurso representado pela mulher do médico pediu para que abrissem os olhos, ou seja, acordassem para a realidade do que estava acontecendo e o médico disse que não podia, pois estavam cegos. Assim, retoma-se efeitos de sentido de que o pior cego é aquele que vê as coisas acontecendo, mas continua agindo da mesma forma, preferindo fingir não ter visto. A podridão já tinha tomado conta do lugar, não havia mais água, comida, não tinha motivo para ficar ali e a mulher do médico que é a única que vê descreve aquela calamidade para que todos acordem que precisam deixar o lugar. E o médico se mantém tranquilo diante de tudo e a mulher acaba querendo dizer com o ditado que o pior é que ele que sabe de tudo o que está acontecendo e finge não saber.

Quadro 17 – Matriz 17

| Sequência discursiva da obra   | Efeitos de sentido e memória  |
|--|---|
| <p><b>SD17-</b> Nenhum dos outros fez comentários, nenhum deu parabéns, nenhum exprimiu votos de felicidade eterna, em verdade o tempo não está para festejos e ilusões, e quando as decisões são tão graves como esta parece ter sido, não surpreenderia até que alguém tivesse pensado que é preciso ser-se cego para comportar-se desta maneira, <b>o silêncio ainda é o melhor aplauso</b> (SARAMAGO, 2018, p. 292 – grifo nosso).</p> | <p>O ditado mobilizado na SD é <i>o silêncio ainda é o melhor aplauso</i> e é uma adaptação do provérbio <i>o melhor artifício do esperto é ficar calado</i>, que nos ensina que, muitas vezes, o silêncio é a melhor resposta. As palavras em excesso seriam desnecessárias, ainda mais para pessoas que não querem ouvir.</p> |

Fonte: Matriz construída a partir de Santos (2004)

A análise inicial da SD17 retoma a passagem de que os sujeitos-personagens velho da venda preta e a rapariga estão em uma conversa sobre os sentimentos de um pelo outro. E todos da camarata não se intrometeram na conversa deles e é quando o dito é usado. A memória discursiva ativada com o ditado é confirmada, pois a passagem da obra retoma os sentidos já-ditos de que você só sabe de uma coisa se é com você, se não é, é melhor ficar calado, pois o silêncio é a melhor resposta. Como é dito na obra, “é preciso ser-se cego para comportar-se desta maneira” (SARAMAGO, 2018, p. 292). Ninguém deu parabéns ou desejou felicidades a eles uma vez que eles não quiseram se meter, pois estavam em um problema (o fato de estarem cegos) bem maior. O tempo realmente não estava para festejos e ilusões.

Quadro 18 – Matriz 18

| Sequência discursiva da obra   | Efeitos de sentido e memória  |
|--|---|
| <p><b>SD18-</b> Levanta-te, corre, que te vêm matar, bem o quisera ele, mas já outros correram e caíram também, é preciso ser-se dotado de muito bom coração para não desatar a rir diante deste grotesco emaranhado de corpos à procura de braços para libertar-se e de pés para escapar. Aqueles seis degraus lá fora vão ser como um precipício, <b>mas, enfim, a queda não será grande, o costume de cair endurece o corpo, ter chegado ao chão, só por si, já é um alívio</b> (SARAMAGO, 2018, p. 303 – grifo nosso).</p> | <p>O ditado retirado da sequência discursiva da obra é, <i>mas, enfim, a queda não será grande, o costume de cair endurece o corpo, ter chegado ao chão, só por si, já é um alívio</i>. Trata-se da retomada da ideia de que é errando que se aprende e se fortalece. A prática de errar ensinar a pessoa a se reerguer e tentar acertar. O fato de a pessoa reconhecer que errou já seria um alívio.</p> |

Fonte: Matriz construída a partir de Santos (2004)

A análise da SD18 alude à passagem em que o sujeito-personagem mulher do médico vê que os santos da igreja estão com os olhos vendados e com isso a notícia se espalha e começa a bagunça para saírem da igreja, onde uns saem tropeçando em outros e é quando o dito é usado. A memória discursiva opera a partir da retomada de já-ditos sobre o ditado, tradicionalmente utilizado para aludir a uma situação em que o erro pode ser considerado pedagógico, permitindo que a pessoa aprenda a partir de suas falhas e possa se reerguer após a queda.

Como nos lembra Pêcheux (2010, p. 56), a certeza que se estabelece é que “uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo” (PÊCHEUX, 2010, p. 56). Assim, buscamos reconhecer nos recortes da obra de Saramago que, embora os já-ditos sobre os ditados sejam convocados para compor os efeitos de sentidos novos, há nas redes de memória certa plasticidade que contempla espaços de disjunções e de deslocamentos que permitem sentidos outros.

## Considerações finais

Os ditados são marcados pela historicidade que é constitutiva do discurso, de modo que envolvem efeitos de sentido que não resultam somente daquilo que vimos ou ouvimos. Eles partem de dizeres ressignificados em novos acontecimentos discursivos. Por isso, os discursos demarcados pelos ditos populares, produzem sentidos que vão além da literalidade do que se vê, do que se ouve. Esses ditados produzem percepções sobre a sociedade e a vida que são transmitidos de geração em geração. Logo, é relevante demonstrar a riqueza discursiva que atravessa e constitui a escrita de Saramago, a partir dos ditados populares e sua interdiscursividade com questões culturais diversas.

Aqui buscamos demonstrar como os ditados populares na obra de Saramago resgatam memórias discursivas construídas socialmente que compõem e propõem efeitos de sentido nos acontecimentos da obra, o que nos possibilita enxergar que tanto a memória discursiva quanto o interdiscurso são percebidos por meio de marcas linguísticas que circulam socialmente. A partir das matrizes que mapearam os ditados selecionados, empreendemos gestos de interpretação sobre os discursos presentes no enredo da obra.

Finalizamos com as análises de como as redes de memória discursiva sobre o ditado popular são ativadas, podendo ser confirmadas, ou seja, quando há a retomada dos já-ditos, ou ressignificadas/refutadas quando o ditado é usado com sentidos outros na obra de Saramago. Embora os ditados analisados tenham se dado a partir da retomada dos já-ditos socialmente inscritos, Saramago estabelece uma unicidade em sua releitura discursiva, a partir do acontecimento único de sua obra. Por fim, consideramos relevante a ideia de fortalecer os ditados populares como uma construção de memória coletiva, a partir de seu papel de aconselhar e advertir e serem transmitidos de geração em

geração. Assim, esperamos também ter posto em diálogo a grandiosidade discursiva dos ditados populares na obra de Saramago.

## Referências

ALVAREZ, S. M. Os Ditos Populares e sua utilização na Mídia. In: *51º Seminário GEL*, 2003, Taubaté. 51º Seminário GEL. Taubaté-SP: UNITAU, 2003. p. 387-387.

FERNANDES, C. A. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. São Carlos: Claraluz, 2008.

FRANÇA, T. M. Um olhar sobre o conceito de memória discursiva de Michel Pêcheux. *Revista Interletras*. Dourados-MS, v.4, n. 22, p. 1- 10, out. 2015/ mar. 2016.

ORLANDI, E. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, M. O papel da memória. In: ACHARD, P. et al. *O papel da memória*. Tradução de José Horta Nunes. 3. ed. Campinas: Pontes, 2010.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69) IN GADET, F. HAK, T. (Org.). *Por Uma Análise Automática do Discurso: Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux*. 3ª Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

SANTOS, J. B. C. dos. Uma reflexão metodológica sobre análise de discursos. In: FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. C. dos (Org.). *Análise do discurso: unidade e dispersão*. Uberlândia: Entremeios, 2004. p. 109-118.

SARAMAGO, J. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Recebido em: 16/03/2023

Aprovado em: 26/06/2023

Licenciado por

